

## **JORNADAS TROPEIRAS ECOTURÍSTICAS, VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PAISAGENS NATURAIS DO SUL DO ESTADO DE MINAS GERAIS**

**FILETTO, F.<sup>1</sup>; MACEDO, R.L.G.<sup>1</sup>; MACEDO,  
I.E.B.<sup>2</sup>; VENTURIN, N.<sup>1</sup>; SALGADO, B.G.<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Depto de Ciência Florestais- Universidade Federal de Lavras/UFLA – Lavras-  
Minas Gerais

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Minas Gerais/UEMG - Campus Lavras – Minas Gerais

**RESUMO** :Os objetivos do presente trabalho foram resgatar, analisar, discutir e divulgar os principais requisitos essenciais para se promover a valorização das paisagens naturais do Sul do Estado de Minas Gerais e apresentar critérios a serem respeitados em jornadas tropeiras ecoturísticas para se viabilizar a eficiente conservação ambiental dessas paisagens. Apoiando-se em metodologias de observação não participante e de história oral, são discutidos os resultados da pesquisa de campo da Jornada Tropeira Ecoturística realizada em zona urbana e rural dos municípios de Lavras, Itumirim e Carrancas, Minas Gerais, com percurso de aproximadamente 100 km. As análises dos critérios relativos aos animais, cavaleiros, equipamentos, relações de convivência sócio-ambientais com as populações regionais e os condicionantes ecoturísticos envolvidos, foram considerados essenciais para subsidiar o planejamento e a implantação de jornadas tropeiras para se promover a valorização e conservação de paisagens naturais na região de estudo. Concluiu-se que esta atividade ecoturística pode ser utilizada como instrumento de interpretação da natureza em áreas silvestres e, destaca-se ainda, como instrumento facilitador e enriquecedor para o desenvolvimento de diversos programas de educação ambiental, com enfoques conservacionistas. E, apresenta potencial para promover a integração de atividades ecoturísticas de recreação e lazer com as de conservação da natureza, valorização de paisagens naturais e envolvimento sustentável das populações rurais regionais.

**ABSTRACT:** The objectives of the present work were to rescue, analyze, discuss and divulge the main essential requisites to promote the valorization

---

<sup>1</sup>Campus da UFLA, CP. 37, CEP 37200-000 – Lavras –MG. Fone 35  
38291411. E-mail: [dcf@ufla.br](mailto:dcf@ufla.br)

<sup>2</sup>Campus da UEMG, Rua Padre José Poggel, 506, CEP 37200-000 Lavras –  
MG. Fone: 35 38219327 E-mail: [ieborges@navinet.com.br](mailto:ieborges@navinet.com.br)

of the natural landscapes of the south of the state of Minas Gerais and present criteria to be respected on ecotourism pack animal-driving journeys to make the efficient environmental conservation of those landscapes viable. By relying upon non-participating observation methodologies and on oral history, the results of the filed research of the Ecotourism Tropeira Journey performed in urban region and in the countryside of the towns of Lavras, Itumirim and Carrancas, Minas Gerais with a route of about 100km. The analyses of the criteria relative to the animals, horsemen , outfits, socio-environmental acquaintanceship relationships with the regional populations and the ecotourism conditionings involved were regarded as essential to subside the planning and the establishment of pack animal-driving journeys to promote the valorization and conservation of natural landscapes in the study region. It follows that this ecotourism activity may be utilized as a tool of interpreting nature in wild areas and it is stressed still as a tool which makes it easy and richer for the development of several environmental education programs with conservationist approaches. And it presents a potential to promote the integration of amusement and leisure ecotourism activities with those of conservation of nature, valorization of natural landscapes and sustainable involvement of the regional rural populations.

## 1. INTRODUÇÃO

Os tropeiros, homens de fibra que com suas tropas de bestas, jumentos e cavalos, levando e trazendo mercadorias e riquezas, desbravaram, abriram caminhos e estradas, fundaram povoados e vilas por todo chão brasileiro ao longo de mais de três séculos. O tropeiro tornou-se personagem folclórico, com raízes profundas na cultura brasileira, atuando principalmente nas regiões sul, sudeste e nordeste. A atividade tropeira declina desde o início do século XX, com a construção de ferrovias e rodovias e o desenvolvimento da indústria automobilística.

Segundo Almeida (1981), a época do tropeiro entrou no apogeu, quando começaram as primeiras estradas de ferro. Como fato histórico paulista, a época do tropeiro de muares bravos e do tropeiro condutor de cargas a longas distâncias, acabou no século XX. Contudo sobrevive em algumas regiões, como no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, e em outros estados como Bahia, Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro. Esta sobrevivência está intimamente ligada ao isolamento de certas áreas.

Segundo Taguchi (2003), comitivas, tropeiros, romarias e cavalgadas acontecem em diversas regiões do país e dependendo do lugar, ainda recebem muitos nomes diversificados. No Pantanal, os peões boiadeiros ainda levam o rebanho de um lado para o outro dessa forma, atravessando rios e percorrendo longas distâncias para salvar o gado das cheias dos rios.

Em outros lugares, as comitivas tem como objetivo somente a união, amizade e a preservação da cultura. No Rio Grande do Sul, por exemplo, existem cavalgadas tradicionais compostas apenas por mulheres, enquanto em outras tem apenas homens no comando das rédeas.

Atualmente ainda existem na Espanha e em Portugal o sistema de condução por burros e muares, na montanha. O que acontece é que lá as distâncias são menores, e havendo estradas carroçáveis para as comunicações mais longínquas, o transporte em lombo de burro quase se reduz a servir ao lavrador, na venda de seus gêneros na vila ou mercado mais próximo ou estação ferroviária.

Com a popularização dos esportes eqüestres nos grandes centros urbanos, principalmente de modalidades como tambor e baliza, que antes eram praticadas apenas por quem era “de fazenda”, os cavalos passaram a ser vistos também como uma atividade de lazer, esporte e terapêutica.

Segundo EMBRATUR (2002), ecoturismo pode ser definido como: "Um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas."

A atividade de ecoturismo se revelou como uma nova forma de renda para os habitantes das regiões que não se industrializaram e nem desenvolveram uma agricultura mais intensiva; ou seja, o ecoturismo surgiu como uma saída econômica àquelas regiões de baixa renda e também como atividade econômica em comunidades inseridas em áreas de proteção ambiental, tais como parques nacional e comunidades indígenas.

O ecoturismo, conhecido igualmente como "turismo ecológico" é um dos segmentos turísticos que mais cresce no mundo. Seu crescimento é estimado em 20% ao ano, conforme resultados obtidos através de entrevista com operadores de ecoturismo e peritos do setor no Brasil (Expedição, 2003).

Os motivos deste crescimento são muitos, e entre eles, com grande relevância, está sua relação com o desenvolvimento sustentável, e por tal, goza de grande simpatia do Poder Público. O ecoturismo pode ser entendido como espécie do gênero desenvolvimento sustentável.

O ecoturismo teve grande avanço institucional em países como o Kênia, Costa Rica, Estados Unidos, Canada, Austrália e Nova Zelândia. Em outros países como Brasil, Peru, Equador, México e África do Sul o segmento ainda está se organizando, embora seus recursos naturais sejam imensos. Nos Estados Unidos, os diferentes parques nacionais atraem cerca de 270 milhões de visitantes por ano. Já os parques estaduais atraíram mais de 500 milhões de visitantes (Expedição, 2003).

O tropeirismo é uma atividade nova, que vem ganhando muitos adeptos no Brasil. Nada mais é do que uma jornada equina em grupos, com destino a determinada localidade de beleza natural ou de importância histórica-cultural. O tropeirismo está associado ao Ecoturismo, Agroturismo e ao Turismo Rural.

O Brasil é um país privilegiado para a prática do Turismo Eqüestre. São dezenas de locais badalados. Vamos citar apenas alguns deles: as serras de Gramado e São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul; as Serras Catarinenses; São Luiz do Purunã, próximo a Curitiba; a Chapada dos

Veadeiros, em Goiás, a Serra do Cipó e da Moeda, nas proximidades de Belo Horizonte e a Chapada dos Guimarães e a Chapada Diamantina.

As jornadas tropeiras são praticado em regiões de belezas naturais, combinando o prazer de cavalgar com o de apreciar a ecologia preservada. Regiões de muita área verde e de fartas reservas aquáticas são as preferidas pelos adeptos do turismo eqüestre. (Turismo eqüestre, 2003).

De acordo com Passold (2002), a busca por atividades de recreação ao ar livre e o desenvolvimento do turismo na natureza no Brasil, resultou no aumento da visitação em áreas naturais, trazendo impactos indesejáveis aos recursos existentes nestas áreas.

Assim, este trabalho objetiva apresentar os critérios a serem respeitados em jornadas tropeiras ecoturísticas, buscando-se levantar informações sobre a cultura tropeira, de forma a consolidar a atividade enquanto produto ecoturístico, valorizando e buscando a conservação dos ambientes onde ocorrem.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

A observação não-participante, história oral e a análise bibliográfica foram as opções metodológicas adotadas para a coleta e análise de informações que evidenciassem os critérios a serem respeitados em jornadas tropeiras ecoturísticas.

Observação é um termo abrangente, podendo significar tanto o próprio resultado da pesquisa quanto o processo empregado para obtê-lo. Segundo Stacey (1977), o método de observação “não-participante” insere-se nos estudos em que o pesquisador permanece onde os indivíduos que estão sendo observados se encontram. No entanto, o pesquisador não se faz passar por um deles.

Observação é, provavelmente, o método que melhor proporciona ao observador meios para apreender a noção de processo na vida social, ou seja, captar as ações em desenvolvimento e, por isso, são empregados pelos pesquisadores que adotam a perspectiva interpretativa. Presenciar e/ou participar das ações que os atores desenvolvem ao longo do tempo, poder falar com eles no momento em que as ações estão sendo desenvolvidas, indagando sobre os significados dos seus atos, ver os resultados e conseqüências das ações a partir da perspectiva do agente e de outros atores sociais, tornam a observação um método dinâmico e quase completo. Para desenvolvê-lo, o pesquisador emprega outros métodos, como as diferentes formas de entrevistas, história de vida, história oral, análise de documento, etc.

Para que a observação de uma jornada tropeira fosse possível, optou-se pela realização da mesma, como um experimento de campo. O esforço de pesquisa sobre a cultura tropeira, reunindo bibliografia, informações sobre a tropa (os animais) e acessórios (equipamentos) necessários para a jornada e torná-la semelhante à original, a elaboração do itinerário através de

preliminares de campo, a busca por hospedagem e abrigo, também compuseram o arranjo metodológico.

Foram convidadas sete pessoas para a equipe da jornada tropeira. O escolhidos foram: três estudantes universitários (Engenharia Florestal, Agronomia e Zootecnia), sendo um do sexo feminino; um empresário rural; um guia tropeiro; um administrador de empresa rural; e um proprietário de tropa equina e muar. As impressões e experiências pessoais de cada um e do grupo foram o sustentáculo da pesquisa.

Foram utilizados onze animais no evento: seis equinos e cinco muares (três de montaria e dois de carga), devidamente avaliados clinicamente por veterinário. Além dos arreios básicos às montarias, foi utilizado um par de “bruacas” (tradicional caixas de acondicionamento) sobre uma “cangalha” (arreio de carga) especificamente aos muares de carga.

Foi utilizado um veículo de apoio a pesquisa, base das observações durante a jornada. De um modo geral, os cavaleiros foram auto-suficientes, tanto em alimentos, quanto em material para acampamento, pelo apoio dos animais de carga.

Esta jornada foi realizada em três dias, através da zona urbana e rural dos municípios de Lavras, Itumirim e Carrancas (todos em Minas Gerais), num percurso aproximado de cem quilômetros. Seguiu-se basicamente por uma região com a ocorrência histórica do tropeirismo, por onde passaram tropeiros desde o descobrimento de ouro nas Minas. Montanhas e vales formaram o cenário predominante.

### 3. RESULTADOS

Os critérios aqui apresentados visam subsidiar o planejamento e implantação de estratégias que permitam a realização de jornadas tropeiras ecoturísticas. Estes critérios são relativos aos animais, ao cavaleiro, aos equipamentos e as condicionantes ecoturísticas.

A jornada tropeira, praticada sozinha ou em grupo, apresenta as mesmas vantagens. É uma reação contra o uso intensivo do automóvel e permite entretanto longas marchas em estradas, trilhas e campos. Obriga o cavaleiro a viver mais perto de seu cavalo, a alimentá-lo, a dar-lhe de beber, a vigiar sua ferradura e seus membros, a tratá-lo e mesmo a se preocupar com o conforto dele, com seu repouso no acantonamento ou no bivaque.

A opção de jornada montada foi a escolhida nesta pesquisa. No entanto o trekking utilizando equinos ou muares como cargueiros também deverá ser considerado como jornada tropeira, de acordo com a tradição tropeira.

Segundo Almeida (1981) a tropa dos paulistas tinha até 12 bestas em cada lote e três, quatro e mais lotes. A hierarquia do tropeiro era esta: cozinheiro ao mesmo tempo madrinheiro; camarada ou peão, um para cada lote; arrieiro, para todos; capataz, patrão ou dono. O cozinheiro era o mais humilde na escala. O madrinheiro montava e ia sempre à frente na madrinha. Cada lote dependia do peão. Este ia às vezes a pé, às vezes a cavalo,

conforme as estradas. Se fosse escravo ia sempre a pé. A arrieiro era um peão promovido a esse ponto pela antigüidade e prática no serviço. Ia igualmente montado e corria todos os lotes. Enfim o capataz marchava atrás de todos os lotes, era o responsável por tudo.

### **3.1 Critérios para os animais**

Quem opta por criar eqüinos e muares, deve ter em mente que eles requerem cuidados básicos e fundamentais, com determinados custos mensais que não devem ser ignorados ou minimizados, como por exemplo uma pessoa que esteja à disposição dos animais diariamente para realizar a limpeza dos cavalos e das baias e oferecer-lhes ração – de boa qualidade e na medida certa – diariamente. Animais que apresentem excelente sanidade são primordiais para atividades que se rotulem ecoturísticas.

Devemos considerar que, tanto os animais de montaria, quanto os de carga, estejam sob o acompanhamento de um Médico Veterinário ou Zootecnista. Todas as informações que pertencem a história médica dos animais devem ser consideradas abertas, no entanto não devemos esquecer que os dados clínicos dos animais são confidenciais e apenas poderão ser divulgados após a autorização do proprietário.

A realização de casqueamento e ferrageamentos dos cascos, por exemplo, são itens que devem ser cumpridos rigorosamente pelo tratador, pois a falha nestes procedimentos pode causar danos como o aparecimento de brocas. Brocas são tão antigas quanto a domesticação dos cavalos, mas nem por isso devem ser ignoradas. O casco do cavalo é dividido em lâminas e a broca é um termo que caracteriza a infecção dessas lâminas, podendo ser causadas por agentes patógenos.

Evitar doenças infecciosas nos eqüinos requer um bom programa de vacinação, isolamento de todos os eqüinos que chegarem para observação e controle de ecto e endo parasitas.

A alimentação deverá ser sadia e abundante sem excesso; o apetite deve ser vigiado de perto. Antes das jornadas tropeiras deve-se ter o cuidado de colocar os animais em pastos que não apresentem sementes daninhas que poderiam facilmente serem distribuídas pelo estrume do animal nos campos naturais ou áreas de proteção ambiental. Recomenda-se um período de 48 horas para que o animal elimine o conteúdo digestivo, antes de leva-lo em atividade. Durante as jornadas torna-se necessário o fornecimento de ração aos animais, além do pastejo.

Recomenda-se, ainda, o uso de animais “traquejados” (experientes e equilibrados) nas jornadas tropeiras ecoturísticas.

Há milhares de anos, o cavalo é utilizado como montaria pelo homem, deixando muitas vezes ser montado não por vontade própria nem por troca de favores, e sim por maneiras violentas, como por exemplo uma técnica antiga, mas ainda muito utilizada, em que o homem monta o animal pela primeira vez e o chicoteia até ele parar de pular – o que leva o animal a deixar-se montar pelo medo adquirindo um semblante triste a agressivo.

Outras técnicas são utilizadas com resultados mais satisfatórios em que o homem, com carinho e paciência, cria com o animal uma troca de favor onde “eu lhe dou alimento e carinho e você me serve de montaria”.

O cavalo apresenta, por instinto, como principal forma de defesa, a fuga e o pavor relacionado ao medo, seguidos por sinais fisiológicos como aceleração cardíaca, resfriamento do corpo, eriçamento dos pêlos, tremores dos membros, perturbações vasomotoras ou atitudes como dar coices no meio de um incêndio ou se empinar ao se deparar com uma cobra.

Nenhum animal é capaz de prever que uma pessoa o fará sofrer, mas assim que essa idéia é assimilada na memória do animal, não mais sairá dela.

Após muitos anos de estudos e convivência com os cavalos, o ser humano pôde reconhecer que eles têm muita capacidade de memória e pouca inteligência, o que os torna capazes de serem domesticados e se mostrarem obedientes.

Algumas observações e questões adicionais são importantes: o animal está sendo medicado? O animal tem algum vício? (aerofagia, coprofagia, tique de urso, etc.) O animal possui algum tipo de alergia? Qual a performance atlética e talento para a área a que se destina.

Nunca se esqueça de julgar se o cavalo e cavaleiro formam um bom conjunto – considere a possibilidade de se sentir moralmente justificado para expressar uma opinião quando atesta a segurança de um animal para uma criança. Se possível analise os animais na baia, observando seu temperamento. No caso de não estar seguro sobre alguma patologia, requisite outro animal.

A avaliação do sistema músculo – esquelético é de suma importância para animais destinados ao esporte. Uma avaliação visual em repouso dará início ao exame. Estude a conformação e o equilíbrio, procurando qualquer evidência de danos ou tensões causadas por desvios anatômicos. Após a observação do animal em repouso, avalie-o em movimento, caminhando e trotando, observando de frente, de trás e em ambas as visões laterais procurando divergência na andadura. O animal também deve ser observado a passo e no trote em círculos, em linha reta e montado. O método mais utilizado para avaliarmos o estado articular do animal é o teste de flexão. Flexiona-se os membros do animal durante um determinado espaço de tempo e o libera para o trote e posterior observação de sinais de movimentos irregulares (claudicações), evidenciando a dor. Cada animal tem características individuais quanto a este método de avaliação, portanto deve-se estar atento a estas variações clínicas.

### **3.2 Critérios para os cavaleiros**

A participação em jornadas tropeiras não exige nenhum adestramento especial fora de um bom treinamento muscular. Aquele que apresenta alguma prática em montaria poderá realizar uma jornada tropeira. As situações desconfortáveis são conhecidas pela maioria dos cavaleiros.

O ecoturista é, normalmente, proveniente de um ambiente diferente daquele que irá conhecer, assim, o seu nível de adaptação ao ambiente ecoturístico, será potencializado se forem levados em consideração alguns pontos:

- a) escolha de equipamento correto ao ambiente e a atividade;
- b) condição física compatível a atividade ecoturística;
- c) conhecimento do clima ocorrente durante o período de permanência;
- d) escolha correta da alimentação (inclusive da água);

Mesmos que as diferenças (de um modo geral) sejam poucas, torna-se conveniente que o ecoturista conheça de antemão ambiente que irá encontrar, principalmente com relação às suas condições climáticas.

Os líquidos e sais minerais perdidos pelo organismo precisam ser constantemente repostos. Quando esta reposição não ocorre de forma adequada, corre-se o risco de que um processo de desidratação se instale. A ingestão de líquidos isotônicos (água+sais) - segundo a necessidade de cada organismo, para cada situação – será o suficiente para que o organismo permaneça hidratado.

Na equitação “*western*” admi-ti-se um traje que corresponde e se inspira dos hábitos norte-americanos. O blue-jeans, nas quais placas de couro protegem eventualmente contra galhos e os espinhais, a camisa de tecido de cores vivas, e se for preciso, um sobretudo (para chuva), um lenço no pescoço para agasalhar, chapéu (normalmente de *cowboy* ), botas ou perneiras, constituem um traje pitoresco, pouco oneroso, adaptado à sela e aos longos passeios a cavalo.

Para clima quente utilize roupa leve. Para clima frio, obviamente, roupa quente. Porém este tipo de roupa deverá apresentar a característica de permitir a saída da umidade corporal e não permitir a entrada da umidade externa.

Almeida (1981) cita o viajante inglês Henderson, descrevendo tropeiros no Rio em 1821:

“... seria difícil pintar a variedade de trajes e a rude aparência, muitos dos quais trazem chapéus pretos, ou brancos encardidos, de abas prodigiosas, um capote ou poncho, as mais das vezes de baeta azul, caído na frente, dobrado atrás e pendente, em largas pregas, dos dois lados das cavalgadura. As rédeas, os estribos, as selas, são de diversas. Antiquadas e fantásticas formas. Usam alguns altas botas de couro amarelo, estreitamente unidas à perna e apertada na coxa por uma correia com grande fivela; outros, metidos nos capotes e sob largos sombreiros, não usam sapato nem botas, metem o dedo grande no estribo, e, carregando fortes e pesadas esporas nos calcanhares nus, não constituem as menos notáveis dentre essas figuras extravagantes”

Em grupo, o cavaleiro regula sua marcha pela de seus vizinhos: ele os previne se estiver disposto a alterar a marcha.

Evite se aproximar perto demais de um cavaleiro que se cruza ou que se ultrapassa.

Na companhia de uma cavaleira, ou de um homem mais idoso que si mesmo, colocar-se a esquerda deles.

Observar o Código da estrada ao qual realiza a atividade equestre e avisar pelos gestos uma mudança de direção ou marcha.

### 3.3 Critérios para os equipamentos

O equipamento básico por animal de montaria será aquele que acrescente conforto ao conjunto animal (equino ou muar) e cavaleiro. Considerando-se as variações regionais, adotou-se como equipamento básico aquele descrito na literatura clássica sobre equinos. O equipamento tradicional é o seguinte:

- **Para montaria:** Sela, cabeçada, cabresto, bacheiro, alforjes.

- **Para carga:** Bruacas, canastras ou jacas (aos pares), cangalha, couro de boi ou lona para cobertura da carga. Almeida (1981) descreve a montagem do equipamento de carga: "... a esse tempo os camaradas correram ao encosto ou ao pasto, deitaram o cabresto ou buçal no pescoço das mulas ou cavalos, trouxeram-nos junto do rancho e foram colocando a esteira, a cangalha, a cincha, o peitoral, a retranca. E, enquanto possível, colocam ao mesmo tempo, de dois em dois, as cargas nos cabeçotes por suas alças. Sendo preciso, um escora do outro lado. Em cima o ligal, e enfim, o arrocho, com o cambito de pau. Amarra-se o cabresto ao pescoço do animal, uma palmada ou um grito, e ele se vai por tras da madrinha e logo vem mais outro, mais outro, e o primeiro lote está na estrada."

Podemos considerar o uso de mochilas no lugar das canastras e, "cutianos" (tipo de sela) no lugar das cangalhas, no entanto todos, canastras ou mochilas, deverão ser bem fixados para evitar sua perda ou incomodar o animal e marcha

### 3.4 Critérios ecoturísticos

Busca-se ao mínimo o impacto ambiental. Para tanto deve-se sempre que possível seguir a trilhas consagradas, preestabelecidas quando em áreas protegidas.

As trilhas em áreas naturais desempenham tanto a função de prover acesso e oportunidades recreacionais, quanto proteger o recurso, concentrando o uso nos caminhos preestabelecidos e mais resistentes. Entretanto, as condições de degradação das trilhas, evidenciadas através de diferentes tipos de impacto, tais como erosão e problemas de drenagem, diminuem valores funcionais e recreacionais, agravando o possível efeito ecológico da paisagem, e utilizando o escasso recurso financeiro disponível para manutenção destas áreas (Forman, 1995).

A interpretação ambiental também deverá ser considerada, intensificando a experiência do cavaleiro inserindo-o de forma marcante no contexto apresentado. As situações culturais dos locais visitados, tanto

quanto as peculiaridades naturais deverão ser enfatizadas, agregando valor, valorando o não valorado.

Consideramos importante o privilégio das comunidades locais nos casos de alimentação e pernoite durante o percurso, como forma de inseri-los economicamente no processo. Combinados de antemão, pode-se conseguir bons locais para acantonamento, acampamento ou bivaque e, ainda boas e tradicionais refeições nas propriedades rurais. O bem estar das populações podem ser atingidos através desta busca por vivência, uma vez que ocorre a transferência de capital direto a elas.

#### 4. CONCLUSÕES

A atividade ecoturística tem crescido sobremaneira nos últimos anos. Neste contexto, o tropeirismo apresenta-se como uma atividade atrativa, ecoturisticamente inserida e prazerosa.

Os critérios para elaboração e condução de jornadas tropeiras ecoturísticas levam em consideração o conforto e a segurança do conjunto homem x animal, a satisfação das comunidades envolvidas e o mínimo impacto ambiental.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A de. **Vida e morte do tropeiro**. São Paulo: EDUSP, 1981. 228p.

EMBRATUR - Programa de ecoturismo. [on line] <http://www.Embratur.gov.br>. Capturado em 12 de março de 2002.

EXPEDIÇÃO Spix e Martius. URL: <http://www.iis.com.br/~thequest/esm99.htm>. Capturado em 04 de janeiro de 2003.

FORMAN, R. T. T. **Land mosaics: the ecology of landscapes and regions**. New York: Cambridge University, 1995. 1v.

PASSOLD, A. J. **Seleção de indicadores para o monitoramento do uso público em áreas naturais**. Piracicaba: ESALQ, 2002. 75p. (Mestrado em Recursos Florestais)

STACEY, M. **Methods of social research**. Oxford: Pergamon, 1977. 173p.

TAGUCHI, V. **Diário de um tropeiro**. Revista Cavalos de Raça e Esporte. São Paulo: Escala, 2003. Ano I, n12. 14-16.